

TERRITÓRIOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE PODER NA REGIÃO FRONTEIRIÇA ENTRE BRASIL E URUGUAI: OS CASOS DOS GENERAIS JOCA TAVARES E APARÍCIO SARAIVA

TERRITORIES AND SOCIAL POWER RELATIONS IN THE BORDER REGION BETWEEN BRAZIL AND URUGUAY: THE CASES OF GENERALS JOCA TAVARES AND APARÍCIO SARAIVA

Pablo Rodrigues Dobke¹
Gustavo Figueira Andrade²

RESUMO

O presente artigo tem por finalidade demonstrar o quanto as relações sociais de poder desenvolvidas na região fronteiriça entre o Brasil e o Uruguai conformaram um território de poder a fins do século XIX, transformando determinados agentes em irradiadores desta força. Tomamos por base para este estudo, especialmente, as atuações do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) no contexto da Revolução Federalista (1893-1895) no Brasil e do General Aparício Saraiva durante o ciclo de revoltas que ficaram conhecidas como Revoluções Saraivistas (1896-1904) no Uruguai. Neste sentido, procuramos compreender como as relações sociais de poder junto à territorialização deste mesmo poder, foram fundamentais para a construção destes agentes políticos/militares em meio ao convulsionado fim do século XIX e início do XX.

Palavras-chave: Fronteira. Território. Relações de Poder.

ABSTRACT

The purpose of this article is to demonstrate how the social power relations developed in the border region between Brazil and Uruguay formed a territory of power at the end of the 19th

1 Doutorando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil; Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), período em que foi bolsista FAPERGS/CAPES; Bacharel em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Brasil. Está vinculado a Linha de Pesquisa Fronteira, Política e Sociedade do PPGH/UFSM. Tem por interesse a área de História Política e Social, priorizando os temas Caudilhismo, Coronelismo, Território, Espaço Platino, Paradiplomacia, Relações Sociais de Poder, Etno-história e sociedades tradicionais. Integra o Grupo de Pesquisa do CNPq História Platina sociedade, poder e instituições, e o Comitê Acadêmico História, Regiões e Fronteiras da Associação das Universidade do Grupo Montevideu (AUGM).

2 Possui graduação em História Bacharelado pela Universidade Federal de Pelotas (2014) e Mestrado pela Universidade Federal de Santa Maria (2017) com auxílio de Bolsa CAPES DS. Atualmente é Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria. Área de concentração: Fronteira, Política e Sociedade. Bolsista FAPERGS.

century, transforming certain agents into promoters of this force. We take as a basis for this study, especially, the actions of General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) in the context of the Federalist Revolution (1893-1895) in Brazil and General Aparício Saraiva during the cycle of revolts that became known as Saraivista Revolutions (1896-1904) in Uruguay. In this sense we have tried to understand how the social power relations together with the territorialization of this same power were fundamental for the construction of these political/military agents in the midst of the convulsed end of the 19th and early 20th centuries.

Keywords: Border. Territory. Power Relations.

INTRODUÇÃO

A partir das possibilidades surgidas com a ampliação do conceito de política e com o retorno do interesse pelos indivíduos no âmbito da História Política, os estudos em torno do político passaram a abranger também suas relações de poder, as diversas formas de sua manifestação e de uma perspectiva que dê conta desta complexidade.

Nesse sentido, Koselleck (2014) destaca a importância do espaço como importante variável, principalmente devido a este ser elemento capaz de influenciar e até mesmo condicionar a atuação dos personagens, naquilo que por ele é chamado de “condições meta-históricas”. Por outro lado, o autor também destaca o potencial humano na construção e influência sobre o espaço, ao apropriar-se deste, utiliza-o e lhe confere sentido, territorializando-o.

Essa territorialização pode ser realizada a partir de suas relações de poder de tal modo que venha a configurar uma região na qual um indivíduo atua, porém nem sempre esta será coincidente com os limites pensados a partir dos poderes estatais centrais, principalmente em zonas de fronteira. É nesse sentido que procuraremos nos utilizar neste estudo das atuações do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) no contexto da Revolução Federalista³ (1893-1895) no Brasil e do General Aparício Saraiva durante o ciclo de revoltas que ficaram conhecidas como Revoluções Saraivistas⁴ (1896-1904) no Uruguai, evidenciando o quanto essa concepção

3 Evento político-militar que teve como base a luta entre Federalistas, capitaneados pelo tribuno Gaspar Silveira Martins e por Republicanos, estes sob a tutela do Presidente do Estado do Rio Grande do Sul, Júlio de Castilhos. (KÜHN, 2007, p. 106). Segundo a historiadora Helga Piccolo, a Revolução Federalista foi significativa para o processo histórico brasileiro, no momento de transição entre a Monarquia para a República, transformando assim a conjuntura social do país (PICCOLO, 1993, p. 65).

4 Série de revoltas capitaneadas por Aparício Saraiva, representante do Partido Nacional (*blancos*), contra os seus tradicionais antagonistas do Partido Colorado. Estas se deram, especialmente, pela falta de abertura política por parte dos Colorados e pelas quebras dos pactos de *La Cruz* e *Nico Pérez*. Para mais ver: REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ

poderá influenciar inclusive no entendimento de uma fronteira a partir do indivíduo.

Desta maneira, pensar o território como um formador de relações sociais de poder se faz pertinente tendo em vista os projetos dos autores, onde a análise destas categorias, de forma integrada, se faz de fundamental importância, onde tanto o território como os agentes envolvidos nos distintos processos assumem o protagonismo, demonstrando como a territorialização de um espaço, conforma uma malha estruturadora de poder, calcado, assim, nas relações sociais desenvolvidas.

Cabe ressaltar que este artigo está vinculado ao projeto “História da América Platina e os processos de construção e consolidação dos Estados Nacionais do século XIX e início do século XX”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Medianeira Padoin, estando ainda integrado ao Grupo de Pesquisa CNPq/UFSM “História Platina: sociedade, poder e instituições” e ao Comitê “História, Regiões e Fronteiras” da Asociación de Universidades del Grupo Montevideo (AUGM). Do mesmo modo, este também faz referência às investigações de Doutorado e Mestrado desenvolvidas pelos autores na Linha de Pesquisa “Fronteira, Política e Sociedade” do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH-UFSM), sendo orientados pelas Professoras Dr.^a Ana Frega e Dr.^a Maria Medianeira Padoin.

1 Joca Tavares e Aparício Saraiva: relações sociais de poder e suas atuações em meio a região fronteira

Como veremos na sequência, muitos trabalhos já abordaram o aspecto regional fronteiro em suas mais diferentes formas. O caso da fronteira entre o estado brasileiro do Rio Grande do Sul e a nação vizinha da República Oriental do Uruguai fomentou durante os últimos anos um número expressivo de pesquisas, que de modo geral refletiram acerca do papel político e social desta fronteira, acordando a mesma como um espaço de intenso movimento e conflitos constantes.

O que pretendemos demonstrar neste trabalho foi desenvolvido a partir de uma interpretação pautada em nossas análises, que direcionadas ao objeto estudado, contribuirá de certa maneira na ampliação e reflexão sobre o conceito de fronteira, principalmente naquilo que diz respeito às territorialidades ligadas às relações de poder.

ROMERO, Andrés. *Crónica general del Uruguay. La modernización*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2000. NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*. 9. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 2013.

Os estudos referentes aos conceitos de “fronteira” em seu aspecto regional tem sido um constante interesse das mais variadas linhas de pesquisa. Naquilo que toca o nosso caso, um dos conceitos desenvolvidos mais recentemente se refere ao conceito de “fronteira manejada” desenvolvida por Mariana Thompson Flores e Luís Augusto Farinatti (2009).

Segundo estes autores, a fronteira passa a ser pensada a partir das experiências pessoais e grupais dos habitantes deste espaço, constituindo-se enquanto espaço dinâmico, podendo ter diversos significados para diferentes agentes, que a partir de suas condições sociais, construíam estratégias para manejar com ela no seu cotidiano. Estes autores se referem ao conceito de fronteirização trabalhado por Grimson (2003, p. 25-26), o qual permite entender a fronteira como não sendo um dado fixo, “mas algo instável, dinâmico e sempre disputado, podendo ser constantemente resignificado, assumindo diferentes sentidos para os diversos atores sociais em diversos contextos” (FARINATTI; THOMPSON FLORES, 2009, p. 159).

Outra categoria de análise desenvolvida recentemente foi a de “fronteira-indivíduo” (DOBKE, 2015). Esta, mesmo necessitando de uma maior ampliação, já traz em seu cerne um renovado olhar acerca da região fronteira entre o estado brasileiro do Rio Grande do Sul e a República Oriental do Uruguai.

Neste sentido, a “fronteira-indivíduo” toma como ponto de partida a trama de contatos desenhada nesta região, onde se conforma um tecido de influências que movidos em torno de distintos objetivos configuram nódulos de poder e neste contexto é que se configuram as relações sociais sendo profundamente marcadas por um discurso relacional condescendente a este determinado espaço social-geográfico, onde as representações adquirem um importante papel dentro destas relações, sejam ela do cunho político, econômico ou meramente associativo (DOBKE, 2015, p. 94).

Esta categoria de análise, perpassa então por uma simples lógica, onde muito além da região fronteira entre Brasil e Uruguai, a “fronteira”, se encontra no próprio sujeito, isto é, o ator, através de suas relações tem a capacidade de ampliar sua malha territorial, mesmo que não esteja pessoalmente em referido território, fazendo de suas relações sociais de poder o principal subsídio na conformação desta (DOBKE, 2015, p. 97).

E com o sentido de aprofundar mais os estudos relativos à “fronteira-indivíduo” é que pensamos este texto, demonstrando como as relações sociais de poder desenvolvidas na região fronteira entre os já mencionados Estados-nacionais configuraram uma territorialização de poder, fazendo com que os agentes envolvidos gozassem de uma intensa mobilidade, sem preocuparem-se com os aspectos que denotam limites às fronteiras.

Desta forma, vale lembrar que a região fronteira entre Uruguai e Brasil desde longo tempo é caracterizada por uma profunda e dinâmica interação, aspecto este que o coloca em uma posição distinta onde a construção das relações e das identidades se faz de uma maneira peculiar, assim é importante enfatizar o colocado pela historiadora Ana Luiza Reckziegel (2010) no que toca essa relação entre o estado brasileiro Rio Grande do Sul e o Uruguai:

É importante destacar que o relacionamento entre o Rio Grande do Sul e o Uruguai foi estruturado em uma região na qual se reconhece uma identidade comum, se bem que subordinada a Estados distintos. Esta área compartilhada desde os primórdios de sua ocupação fez esta região uma zona comum, não propriamente pelo espaço que ocupa, mas sim pela história que as une. Para tanto, a noção conceitual de região com a qual imaginamos esta interação não pode ser vista como algo previamente estabelecido, mas a partir de uma perspectiva de que esta região foi construída ao longo do processo histórico concreto. Nesse sentido, verificamos que se formou nessa zona um espaço de auto-determinação que só pode ser completamente apreendido se levarmos em conta a posição diferenciada do Rio Grande do Sul em relação ao restante do país seja por seu modelo econômico, seja pela peculiaridade de sua fronteira viva em constante movimento (p. 1).

A autora menciona a questão da identidade em comum que permeia este espaço, assim como sua intensa interação que aparece conflituosa em determinados momentos, fazendo com que nossos agentes emergissem neste cenário, agindo tanto de um lado como de outro, dependendo da questão, atuando principalmente em momentos específicos de conturbação política (RECKZIEGEL, 2010, p. 2).

Levando em conta estes fatores que envolvem o aspecto regional acerca do poder político e as redes de relações, tomamos como ponto de reflexão o trabalho de Márcia da Silva (2010) “A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos territórios conservadores de poder”; neste, a autora aponta debates sobre a formação destes territórios, onde a contextualização está justamente no dinamismo das relações de poder, não limitando-se a fronteiras político-administrativas legitimando as bases da construção e organização de um espaço conjunto.

Desta maneira, as relações de poder constituem-se a partir de um

determinado espaço, fazendo que a interação relacional seja complexa, agindo de forma desigual em determinados casos; assim:

[...] as relações de poder decorrem de interações intencionais ou fortuitas (pessoais e institucionais) entre diversos atores que definem instrumentos de poder diferenciados para os atores políticos potenciais, tornando alguns deles mais capazes de fazer valer seus interesses do que outros, além de conduzir alguns atores potenciais em direção à irrelevância (MARQUES, 2003; apud SILVA, 2010, p. 40).

Ainda acerca deste aspecto regional, naquilo que toca os habitantes da fronteira, buscamos como parâmetro a definição contida no texto “*Propuesta de definición histórica para región*” de Arturo Taracena (2008); onde o autor coloca que a região não é determinada pelo Estado-Nação e sim por um território com características próprias, um espaço construído no âmbito social, muitas vezes antecedente ao Estado consolidado. Outra questão importante levantada pelo autor é de que a região de fronteira não possui um limite precisamente definido, pois ela esta sujeita à temporalidade e a capacidade de sua territorialização, principalmente naquilo que tange as elites regionais e os grupos sociais dominantes.

Assim, a região fronteiriça, além de conformar por si só uma série de relações que ao longo do tempo vão se tornando características deste ambiente, permite que seus habitantes se relacionem em uma dinâmica diferente de outros locais fazendo com que práticas sociais distintas e neste caso, em uma esfera que contempla as relações de poder em prol de objetivos que por sua vez acabam por abarcar um elo de situações que se apresentam de diferentes maneiras, sendo a principal delas, a política.

Desta maneira, podemos nos balizar no historiador francês Pierre Rosanvallon (2010); onde este define o político e sua relação política como múltiplos fios que tecem uma trama e assim conferem um quadro geral envolvendo discursos e ações, remetendo a um todo dentro de uma sociedade, além de uma compreensão do político como seguimento da política através do que é denominado como “racionalidade política”, onde todo o sistema é operado por via das representações adquirindo um caráter complementar à História das Mentalidades, das Ideias e mesmo dos acontecimentos, com os quais reconhece a necessidade de dialogar e interagir.

Assim, começamos apontando as conexões do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) com o Uruguai, sobretudo, as com lideranças políticas ligadas aos *blancos* do Partido Nacional, como Aparício Saraiva e Gumerindo Saraiva, foram fundamentais no decorrer da Revolução Fe-

deralista de 1893. Segundo Ricardo Aldabó Lopez (2005) as boas relações e a confiança existente entre Joca Tavares e a família Saraiva a ponto de que em 1892, sendo “presidente do Diretório da União Nacional, delega poderes ao General Tavares para representá-los no Congresso de Bagé” (p. 67). Esse dado apresentado pelo autor possibilita uma análise sobre a extensão da influência política de Joca Tavares e sobre os possíveis motivos que o levaram a escolher Gumerindo e Aparício como importantes lideranças dentro do Exército Federalista, podendo ser ligado ao fato de manterem relações de amizades de longa data e, portanto, indicados para exercer cargos de confiança e comando no Exército Federalista durante a mencionada contenda no Brasil.

Outro elemento de fundamental importância da região fronteira para a atuação de Joca, foi o fato de ele e sua família possuírem terras no Departamento de *Cerro Largo* no Uruguai⁵, podendo ser considerado um componente capital para compreender a construção das relações sociais de poder que ultrapassavam os limites políticos nacionais (ANDRADE, 2017). Sobre o avanço dos estancieros sul-rio-grandenses sobre o norte do Uruguai, principalmente no período posterior a Guerra Grande⁶, pois “em 1860 os brasileiros representavam 11% da população total do Uruguai e ocupavam cerca de 30% do território deste país. Neste sentido, pode-se dizer que, em meados do século, aquela região era praticamente um apêndice e econômico dos estancieros rio-grandenses” (VARGAS, 2010, p. 290).

A partir destes elementos, o fato de Joca Tavares ter sido um estancieiro abastado e pertencer a uma importante família pecuarista, charqueadora e de renome militar, lhe proporcionava acesso a diversificados círculos de relações, conferindo-lhe grande prestígio social, influência e poder, colocando-lhe no rol de uma elite fronteira Sul-Riograndense (ANDRADE, 2017). Para Jonas Vargas (2010), o fato de se conseguir tornar elite, e manter-se enquanto tal, estava essencialmente ligado a sua “capacidade de mobilizar homens, impor seus projetos aos demais e ter a sua importância enquanto elite regional reconhecida pelo governo central” (p. 304).

Tal reconhecimento ocorreu principalmente após a Guerra do Paraguai (1865-1870), quando Joca Tavares recebe do Imperador o título de Barão do Itaqui e é promovido a Brigadeiro Honorário do Exército Brasileiro (ANDRADE, 2017).

5 SOUZA, Paulino José Soares. *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros apresentado à Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1851.

6 ZABIELLA, Eliane. *A presença brasileira no Uruguai e os Tratados de 1851 de Comércio e Navegação, de Exatidão e de Limites*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

Sua participação neste conflito propiciou a convivência com diversos chefes militares e políticos influentes do Império, proporcionando que ampliasse sua rede de relações e estabelecesse vínculos longe de sua localidade, em âmbito provincial, nacional e até mesmo internacional e que, durante a Revolução Federalista de 1893-1895, foi importante elemento para sua nomeação como Comandante em Chefe do Exército Libertador Federalista (ANDRADE, 2017).

O papel de mediador⁷ e conciliador, além da experiência militar e prestígio do qual ele portador, pode ter sido determinante para sua escolha por Deodoro, vendo-o como elemento capaz de manter a ordem tanto no âmbito estadual quanto municipal, como de fato ocorreu (ANDRADE, 2017). Em 15 de novembro de 1889, com a mudança de regime, Joca fez um apelo na imprensa onde se manifestou estar em defesa da ordem e da autoridade⁸.

Em carta enviada pelo Senhor Carlos Laudares de Rivera para Joca Tavares em 8 de dezembro de 1894, asseverando que “Cabeda foi até *San Eugênio*, onde conferenciou com diversos chefes, é esperado depois de amanhã. Suponho que esperará para passarem juntos todos, inclusive o Aparício, ou, pelo menos, parte do exército dele” (TAVARES, 2004, p. 148). Importante ressaltar nesta correspondência que a rede de informantes e colaboradores do General Tavares se estendia inclusive pelo Uruguai, pois a localidade referida acima diz respeito à cidade de *San Eugênio*, no Depar-

7 Gustavo Andrade (2017) em sua dissertação trabalha com o conceito de mediador para compreender a atuação de Joca Tavares, no entanto utilizando o conceito para dois momentos distintos de sua trajetória. O primeiro anterior a Revolução Federalista de 1893, enquanto este ainda ocupava cargos oficiais, tal como Comandante Superior da Guarda Nacional em Bagé; Comandante Militar da Guarnição e Fronteira de Bagé, até o expurgo castilhistas dos chefes que pertencessem à oposição. Para esse período o autor pauta sua compreensão no pensamento de Sydel Silverman (1977): o mediador era o sujeito que além transitar em diversos setores e exercer influências, era de confiança do poder central e ao mesmo tempo recebia os privilégios de um Estado ainda em construção, que depende desses mediadores como representantes dos seus interesses, e que ao mesmo tempo em que zelavam pelos de seus compadres-clientes, portanto desfrutava de prestígio em sua sociedade. Para um segundo momento da trajetória deste personagem, Andrade (2017) se utiliza de um conceito de mediador a partir da análise das redes de relações deste personagem, a qual também perpassa a situação anterior. Entende por mediador a partir da perspectiva de Michel Bertrand (1999), José María Imízcoz (2011) e Julio Cezar Rodríguez Treviño (2013), ou seja, o indivíduo que ocupa papel de centralidade em uma rede de relações, serve como uma ponte entre grupos e subgrupos, controlando informações, fazendo circular favores, bens ou serviços, de algum modo que lhe proporcione obter vantagens. Nesse sentido sua atuação enquanto mediador remete mais à seu capital imaterial enquanto indivíduo e a utilização deste em sua rede de relações sócias e não apenas restrito ao âmbito das relações com o Estado.

8 *Jornal A Federação*. Porto Alegre, p.1, 16 nov. 1889 – é veiculada nessa data a nomeação de todos os chefes de fronteiras no Rio Grande do Sul.

tamento de *Artigas*, de onde envia a carta. Podemos também destacar que quando o autor da carta se refere a “passarem todos juntos” se refere que as forças federalistas estavam acampadas nesta localidade, esperando para atravessar a linha divisória e entrar em território brasileiro.

O manejo da fronteira, conforme apresenta Thompson Flores (2012), foi amplamente utilizado durante o século XIX e neste contexto para fins comerciais e de contrabando, mas também se mostrou uma prática utilizada pelos chefes federalistas de acordo com suas necessidades. Outro elemento presente diz respeito a rede de relações do qual este general fazia parte, evidenciando seu papel de protagonista, pois, ocupava um papel central nessa rede enquanto Comandante em Chefe do Exército Libertador, todas as informações passavam por ele (ANDRADE, 2017).

No entanto, a fronteira também a era um espaço de disputa, embora existissem relações de amizades, como poderemos analisar em carta enviada de *Rivera* pelo Senhor Gordiano Varres em 12 de janeiro de 1895 ao General Joca Tavares, na qual envia notícias de um telegrama que recebeu do General Piragibe endereçada ao Almirante Luis Felipe Saldanha da Gama, afirmando que:

Hoje pela manhã fomos atacados por força superior 100 homens, da primeira resistência, reconhecida sua ineficácia diante da superioridade do inimigo, fiz minha força se retirar para o Estado Oriental. Compareceu o Comissário de Polícia para desarmar-me e fazer respeitar território. O inimigo desprezou as intimações feitas pelo comissário Domingues e atacou-o em pleno território Oriental, ferindo-o gravemente e matando um soldado de polícia, em seguida se retirou novamente para o Brasil, diante da resistência que lhe ofereceu a mesma polícia (TAVARES, 2004, p.177).

Neste sentido, como podemos analisar acima, o respeito entre os chefes federalistas acostumados ao trato com as autoridades fronteiriças uruguaias, a quem o General Piragibe se apresentou pacificamente ao passar para o lado uruguaio da fronteira, principalmente por depender das boas relações com as autoridades do país vizinho. O comandante da força legalista brasileira que perseguia Piragibe, desrespeitou o território Uruguaio e entrou em conflito com a força policial uruguaia, provavelmente movido pelo conhecimento de que estivessem sendo acobertados.

Outro exemplo interessante acerca da territorialização do poder, faz referência a uma correspondência do Almirante Saldanha da Gama ao General Joca Tavares. Esta se refere ao uso dos cavalos, sua falta para a con-

tinuação da guerra e a possível remessa de mais cavalgadas. Sendo assim, transcrevemos esta na íntegra para uma melhor elucidação do proposto:

Costa do Quaraí 28 de março de 1895. Exmo. e Prezadíssimo Sr. General João Nunes da Silva Tavares. (...) Já está faltando, porém, o cavalo, esse primordial elemento de guerra nas coxilhas do sul. Remeter cavalos daqui seria correr o risco de uma dupla perda; chegarem lá estropiados e inservíveis, privando-nos aqui esse elemento, a nós que estamos quase prontos para invadir também. **Já apelei para os amigos de Montevidéu.** Queira Vossa Excelência fazer o mesmo para os de Cerro Largo e Taquarembó. Com o prestimoso auxílio de amigos como Galvão Machado, Baltazar Dias, Cândido Bastos, José Francisco de Freitas, Barbosa Netto e muitos outros se poderá conseguir (...) (Assinado) Luís Felipe de Saldanha da Gama (TAVARES, 1895 [2004], p. 143 – Grifo nosso).

Como pode-se perceber, este “diálogo” transfronteiriço era de tal importância que até mesmo o fluminense⁹ Saldanha da Gama já apelava para este subsídio fundamental e já tão bem conhecido pelos habitantes da região. Isto demonstra que a territorialização do poder por parte de certos agentes e por consequência por parte do Partido Federalista, fazia dos federalistas os “senhores da fronteira”¹⁰.

Mesmo que alguns agentes, em tese, não interagissem diretamente entre si, estes faziam parte de uma estrutura multilateral no exercício do poder, assim, Raffestin (1993) admite que existam “uma infinidade de campos de poder em um sistema social em razão da multiplicidade das relações possíveis” (p. 64). Neste sentido, a rede construída perpassa por várias linhas de relacionamento, onde cada uma necessita de um exercício diferente do poder.

Seguindo este raciocínio e atribuindo uma conotação política a sociedade fronteiriça, que no referido período passava por um momento conturbado, percebemos que as relações são meramente comuns ao tempo que a conformação humana em um território ou espaço constitui deter-

9 Gentílico para quem é nascido no estado brasileiro do Rio de Janeiro.

10 Expressão usada pelo General Joca Tavares em correspondência a outros agentes para mencionar a influência do Partido Federalista na dita região. Reforçando, desta maneira, a fundamental importância desta para o desenvolvimento das atividades tanto políticas, como, militares (TAVARES, 1895 [2004], p. 111). E no mesmo sentido, o Almirante Saldanha da Gama, em outra correspondência diz: “Estamos senhores da linha” (TAVARES, 1895 [2004], p. 227).

minada sociedade. O historiador francês Pierre Rosanvallon (2010) esboça com segurança essa reflexão partindo do ponto de uma compreensão das ações políticas na compreensão do político como agente comum da vida cotidiana.

A associação entre os agentes e a fronteira faz evocar um bem comum em nome da causa revolucionária em questão, que é revestida de distintas interpretações políticas, fazendo da mencionada região um agente atuante por via das relações sociais, reconhecendo então esta atitude política diante dos acontecimentos, conformando poder e afinidades que dele emanam.

Caso semelhante ocorreu com o General fronteiriço uruguaio Aparício Saraiva na conformação de sua rede de relações. Como fora antes mencionado, este participou da Revolução Federalista em solo brasileiro, adquirindo assim os pontos de experiência para tornar-se o principal líder do Partido Nacional¹¹ na virada do século XIX para o XX.

Inicialmente, não podemos deixar de mencionar o prestígio que Aparício possuía na região fronteira formada por Uruguai e Brasil, este, não só vinculado a sua participação na Revolução Federalista, como também por ser um homem de fronteira e principalmente por sua família já estar sedimentada nesta região desde a primeira metade do século XIX. A possibilidade que a fronteira proporcionou pondo em contato territórios dos dois Estados Nacionais em construção, permitiu que a família Saraiva/Saravia construísse vínculos sociais, sentimento de pertencimento e identificação com a região fronteira (DOBKE; PADOIN, 2013, p. 170).

Como é bem sabido, os *blancos* de Aparício Saraiva mantinham total controle sobre três dos cinco Departamentos fronteiriços entre Uruguai e Rio Grande do Sul, isto dava ao chefe do Partido Nacional uma profunda mobilidade neste espaço, capaz de articular-se nos mais diversos setores, desde os negócios com o gado até os subsídios revolucionários¹².

Para isto, Saraiva precisou organizar uma rede de relações que ultrapassava a linha imaginária do Estado-Nação que divide Uruguai e Brasil,

11 Neste período, o Partido Nacional passava por uma grande reestruturação, pautada especialmente nas reivindicações de Aparício Saraiva, onde se traduzia sobretudo, o combate a hegemonia política ao seu tradicional rival, o Partido Colorado. Para mais: NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*. 9. ed. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 2013.

12 Para mais: DOBKE, Pablo. *Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgh/images/MESTRADO/dissertacoes/turma2013/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pablo%20Rodrigues%20Dobke%20-%202015.pdf>>.

passando a fazer parte de uma trama na qual o capacitava a territorializar esta região fronteira.

Neste sentido, a trama de contatos desenhada nesta região conforma um tecido de influências que movidos em torno de distintos objetivos configuram nódulos de poder e neste contexto é que se configuram as relações sociais sendo profundamente marcadas por um discurso relacional condescendente a este determinado espaço social-geográfico onde as representações adquirem um importante papel dentro destas relações, sejam ela do cunho político, econômico ou meramente associativo.

Neste sentido, cabe aqui mencionar a modo de exemplificação, a relação que se formou entre Aparício Saraiva e o comandante do 2º Regimento de Cavalaria e responsável pela guarda da fronteira, João Francisco Pereira de Souza, relação esta intermediada por outro agente de significativa importância, o chefe político da cidade de Rivera, Abelardo Márquez.

A relação entre Aparício e João Francisco foi amplamente investigada e discutida por Luis Eduardo Coronel Maldonado (2009). Em sua obra, o autor disponibiliza um apêndice documental referente à *“Memoria de la Legación de Uruguay en Brasil haciendo referencia a su actuación durante el alzamiento de 1903 y la guerra civil de 1904”*, escrito então pelo Ministro Plenipotenciário do Uruguai no Brasil, o Dr. Federico Susviela Guarch para o Ministro de Relaciones Exteriores do Uruguai, o Dr. José Romeo a 17 de dezembro de 1904.

Neste documento, elaborado pelo Ministro Susviela Guarch no ano de 1904 e disponibilizado por Coronel Maldonado (2009), está constituído de um relatório de suas atividades durante as referidas insurgências, tratando principalmente de conferenciar-se com o comandante João Francisco. No documento, Susviela Guarch (1904 [2009]) escreve que as relações de Aparício e João Francisco são de “pública notoriedade”, pois desde meados de 1896 esta amistosidade já vinha sendo traçada e que João Francisco “apoia decididamente a revolução, a prestando todo gênero de auxílios” (CORONEL MALDONADO, 2009, p. 201-202).

Apesar dos diversos encontros entre o Ministro Susviela Guarch e o comandante João Francisco na cidade fronteira-brasileira de Santana do Livramento, as cobranças de neutralidade feitas pelo então Ministro não surtiram o efeito desejado, visto que no decorrer da campanha de 1904, os auxílios provenientes de João Francisco continuavam a prover as tropas rebeldes de Aparício. Ainda segundo este relatório, a intensão do então presidente do Rio Grande do Sul, Antônio Augusto Borges de Medeiros, era de se manter neutro à revolução uruguaia, chegando até mesmo a convocar por diversas vezes o comandante João Francisco a prestar esclarecimentos em

Porto Alegre (SUSVIELA GURACH, 1904, apud. CORONEL MALDONADO, 2009).

Através da territorialização do poder no espaço fronteiro obtida por Saraiva, a influência deste passou a ser inconteste, até quando o mesmo não se fazia presente, pois a partir das costuras feitas por outros agentes a situação representada na pessoa de Aparício já era o suficiente para ampliar e difundir a sua “soberania” sobre o território.

Mesmo que o território “dominado” por Saraiva seja representado por uma nesga no espaço fronteiro entre Uruguai e Brasil, este poder estava passível de uma extensão, visto a capacidade de sua atuação no jogo de influências. Neste caso, chamaremos esta situação de “relação costurada”, pois mesmo sem conhecer pessoalmente os Presidentes do estado do Rio Grande do Sul em seus distintos momentos (Júlio de Castilhos e posteriormente, Borges de Medeiros), Aparício fez-se conhecer por uma costura alinhavada por João Francisco, onde este atuava como um elo, unido os dois pontos convergentes de poder, fazendo com que Saraiva agisse sem maiores entraves em sua área de influência.

No trabalho de Ivo Gaggiani (1997), o autor relata um encontro entre João Francisco e Aparício sob o intermédio de Márquez ocorrido no ano de 1896. Este encontro tinha por objetivo estreitar as relações entre os dois agentes, permitindo que ambos obtivessem vantagens em prol de seus interesses. Para Aparício, estas vantagens seriam o apoio e complacência do governo de Júlio de Castilhos no Rio Grande do Sul e o fornecimento de subsídios militares por João Francisco (CAGGIANI, 1997, p. 87-89).

Desta maneira, tratamos o caso como uma “fronteira-indivíduo”, onde o próprio sujeito, a partir de suas relações pode balizar sua atuação dentro de uma territorialização do poder, que ao mesmo tempo que estanca, concentrada em um determinado ponto, pode ser elástica e estendida por meio de elos conformadores de relações (DOBKE, 2015, p. 96).

Indiferente às fronteiras nacionais, Aparício tratou de territorializar seu próprio espaço, atuando a partir de um centro e ampliando seu campo de influência, fazendo com que sua pessoa fosse reconhecida em outros pontos através de uma representação de liderança, seja ela validada por outros líderes locais ou até estaduais como no caso do Rio Grande do Sul, mesmo que este reconhecimento não seja oficial perante a nação brasileira.

O que vale destacar então é esta trama estendida configurada por Saraiva e demais agentes, onde o caudilho não reconhecia a fronteira propriamente dita como um empecilho para si já que este espaço estava mantido sob uma configuração a parte dos Estados-nacionais, um território

conformado por inúmeras relações sociais, representativas, simbólicas e de reconhecimento, fazendo com o que resolvemos chamar aqui de “fronteira-indivíduo” fosse o maior trunfo de Saraiva referente à sua atuação, onde a fronteira se ampliava até onde a influência se alargava.

Deste modo, pensando em ambos os personagens aqui apresentados, propomos como parte final uma reflexão a partir do conceito de territorialização calcado nas relações sociais de poder. Neste ponto, além da aplicação aos casos de Saraiva e Tavares, pretendemos que a meditação sobre a “Fronteira-Indivíduo” se estenda e sirva de mote de análise em outros casos se pertinentes forem.

Neste sentido, as relações sociais são fator culminante neste aporte, já que são delas que provém a essência da territorialização de um determinado espaço. Assim, se faz necessária uma conceitualização entre estes dois termos que frequentemente usamos ao longo deste trabalho, território e espaço.

Para a geografia humana, a conceitualização destes dois termos é bem simples. Enquanto o espaço é gerado naturalmente, o território é formado a partir de uma ação humana, seja ela em forma de instituição, comunidade ou indivíduo. Uma boa explicação acerca do que comentamos sobre território é dada por Álvaro Heidrich (2010), onde este escreve que “a consideração de que as relações estruturantes da territorialidade nem sempre são políticas, mas antes destas, sociais, cotidianas, diferindo a análise das tradicionais compreensões da territorialidade que estão vinculadas ao Estado-nação” (p. 27).

Para Claude Raffestin (1993), “toda relação é campo para o surgimento do poder”, nele são organizados os elementos e as configurações para que em determinado momento se possa experimentá-lo, neste sentido o poder é medido através de uma linha de energia desprendida para fortalecer os laços somados a um conjunto de informações, sendo assim, a malha tecida por meio destas relações tende a ser uma combinação caracterizada por um exercício constante de tensão e intensão (p. 53).

Neste contexto de relações intra-fronteiriças abrangendo os dois Estados-nacionais em questão, percebemos que os arquétipos de liderança e influência regional assumem um aporte transnacional, gerando assim um tipo de chefe político-militar fronteiriço com aspectos próprios, tomando de ambos os fenômenos políticos as características compositoras deste agente.

As relações sociais de poder desenvolvidas por ambos agentes na região fronteiriça entre a República Oriental do Uruguai e o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul, acabaram por determinar a territorialização de suas

autoridades. Fazendo com que o alcance do poder de ambos atingisse uma área maior, onde somente os seus nomes bastavam para o reconhecimento e influência, gerando assim a já mencionada “fronteira-indivíduo”.

CONCLUSÃO

A proposta de analisar a região fronteira entre Brasil e Uruguai, baseada em uma territorialidade desenvolvida a partir de uma rede de relações sociais de poder demonstradas ao longo deste trabalho, procurou evidenciar o quanto estas eram importantes para o referido contexto de conturbação política a fins do século XIX. Mais do que citar exemplos, nos detivemos especialmente a apontar elementos de reflexão em meio à territorialização de poder por via das relações sociais, pois acreditamos que estas possam elencar as respostas que buscamos para ambos os trabalhos que vem sendo desenvolvidos pelos autores.

Percebemos que nos casos apontados neste artigo, os agentes se valiam da região fronteira como um modo de auxiliar suas demandas, pautando estas ações por meio de uma intensa mobilidade, mobilidade esta naturalizada devido à supracitada territorialização somada as relações de poder, tornando-se assim fontes de influência.

A manipulação destas relações de poder fez com que distintos agentes adentrassem a um outro parâmetro de autoridade, sendo reconhecidos, por tanto, não só no contexto regional, extrapolando sua rede de relações sociais de poder para além da citada região, permitindo que estes pudessem usufruir de uma mobilidade incontestada, seja ela territorial, como também a partir de um jogo de influências, isto é, expandindo seus eixos de poder para além de suas zonas de atuação propriamente dita, o que seria então, a “fronteira-indivíduo”.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Gustavo Figueira. A trajetória política do General João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares): família, comunicação e fronteira. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Maria, 2017. Disponível em: < https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/12329/DIS_PPGHISTORIA_2017_ANDRADE_GUSTAVO.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.
- BERTRAND, M. De la familia a la red de solidariedade. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 61, n. 2, p. 108-135, abr./jun. 1999.
- CABEDA, Corálio Bragança Pardo; AXT, Gunter; SEELING, Ricardo Vaz.

- (Orgs.). *Diário da Revolução Federalista de 1893*. Porto Alegre: Procuradoria Geral – Geral de Justiça, Projeto Memória, 2004.
- CAGGIANI, Ivo. *João Francisco: a hiena do Cati*. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.
- CHASTEEN, John. *Fronteira Rebelde: a vida e a época dos últimos caudilhos gaúchos*. Porto Alegre: Movimento, 2003.
- CORONEL MALDONADO, Luis E. 1904: Aparício y los diplomáticos. Montevideo: Trandico, 2009.
- DOBKE, Pablo; PADOIN, Maria Medianeira. Justino Muniz e Aparício Saraiva: relações de poder no Departamento de Cerro Largo, Uruguai. *Anais do VII Fórum de Debates Povos e Culturas das Américas*, Santa Maria: UFSM, 2013, p. 169-178. CD-ROM.
- DOBKE, Pablo. Caudilhismo, território e relações sociais de poder: o caso de Aparício Saraiva na região fronteira entre Brasil e Uruguai (1896-1904). *Dissertação (Mestrado em História)*, Santa Maria: UFSM, 2015. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/ppgh/images/MESTRADO/dissertacoes/turma2013/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Pablo%20Rodrigues%20Dobke%20-%202015.pdf>>.
- DOBKE, Pablo; ANDRADE, Gustavo. “Nós federalistas somos os senhores da fronteira”: relações sociais de poder e territorialização durante a revolução federalista (1893-95) no Rio Grande do Sul. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 3., 2015. *Anais Eletrônicos... Passo Fundo: UPF, 2015*. Disponível em: <<http://www.upf.br/historia-regional/images/pdf/2015/ST3/pablo-gusyavo.pdf>>.
- FARINATTI, Luís Augusto E.; THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. A fronteira manejada: apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil (século XIX). In: HEINZ, Flávio (org.). *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2009.
- A Federação*. Porto Alegre, p. 1, 16 nov. 1889 – Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: <<http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>>.
- HEIDRICH, Álvaro. Espaço e multiterritorialidade entre territórios: reflexões sobre a abordagem territorial. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- IMÍZCOZ, J. M. Redes sociales y correspondencia epistolar: del análisis

- qualitativo de las relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. *Redes*, Barcelona, v. 21, n. 4, p. 98-137, dec. 2011.
- KOSELLECK, R. *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/Ed. PUCRJ, 2014.
- KÜHN, Fábio. O Rio Grande do Sul durante a República Velha. In: _____. *Breve história do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.
- NAHUM, Benjamín. *Breve historia del Uruguay Independiente*. 9. ed. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 2013.
- PADOIN, Maria Medianeira. O espaço fronteiro platino, o federalismo e a Revolução Farroupilha. *Primeiras Jornadas de História Regional Comparada*, v. 1, 2000. Disponível em: <<http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s2a12.pdf>>.
- PICCOLO, Helga. Nós e os outros: conflitos e interesses num espaço fronteiro (1828-1852). In: REUNIÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE PESQUISA HISTÓRICA, 17., 1997. *Anais...* São Paulo: [s.n.], 1997.
- RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza. 1893: a Revolução além da fronteira. In: GOLIN, Tau; BOEIRA, Nelson (Coords.). *República Velha (1889-1930)*. Passo Fundo: Méritos, 2007.
- RECKZIEGEL, Ana Luiza. Aparício Saravia: um caudilho de duas pátrias. *Estudios Historicos*, n. 4, p. 1-20, 2010. Disponível em: <http://www.estudioshistoricos.org/edicion_4/ana-luiza-setti.pdf>.
- REYES ABADIE, Washington; VÁZQUEZ ROMERO, Andrés. *Crónica general del Uruguay: La modernización*. Montevideu: Ediciones de la Banda Oriental, 2000.
- ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.
- SILVA, Márcia da. A rede social como metodologia e como categoria investigativa: possibilidades para o estudo dos “territórios conservadores de poder”. In: PEREIRA, Silvia Regina; COSTA, Benhur Pinos da; SOUZA, Edson Belo Clemente de (Orgs.). *Teorias e práticas territoriais: análises espaço-temporais*. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SILVERMAN, Sydel F. Patronage and community-nation relationships in central Italy. In: SHMIDT, S.W. *Friends, followers and factions: a reader in political clientelism*. Berkley: University of Califórnia, 1977.
- SOUZA, Paulino José Soares. *Relatório da Repartição dos Negócios Estrangeiros apresentados à Assembléia Geral Legislativa*. Rio de Janeiro: Typographia

Universal de Laemmert, 1851.

TARACENA, Arturo. Propuesta de definición histórica para región. *Estúdios de Historia Moderna y Contemporânea de México*, n. 35, p. 181-204, jan./jun. 2008.

THOMPSON FLORES, Mariana Flores da Cunha. *Crimes na Fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845-1889)*. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

TREVIÑO, Julio César Rodríguez. Cómo utilizar el Análisis de Redes Sociales para temas de historia. *Signos Históricos*, n. 29, p. 102-141, 2013.

VARGAS, Jonas Moreira. *Pelas margens do Atlântico: um estudo sobre elites locais e regionais no Brasil a partir das famílias proprietárias de charqueadas em Pelotas, Rio Grande do Sul (século XIX)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

ZABIELLA, Eliane. *A presença brasileira no Uruguai e os Tratados de 1851 de Comércio e Navegação, de Extradicação e de Limites*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.